

O BRADO POR UM NOVO MUNDO: REDESCOBRINDO O BRASIL NOS CONTOS DE FICÇÃO CIENTÍFICA

The shout for a new word: rediscovering the Brazil in Science Fiction short stories

Rafael Geraldo Vianney Peres¹

<https://orcid.org/0009-0004-1328-234X> 

¹Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, Brasil. 38408-144 – copor@ileel.ufu.br

Resumo: Este trabalho pretende analisar como os contos de Ficção Científica (FC) brasileiros refletem e criticam questões sociais e políticas no Brasil, abordando temas que discorrem sobre desigualdade, preconceito e luta de classes, alinhados às mudanças estruturais da sociedade brasileira e aos avanços tecnológicos decorrentes da globalização. Com base em contos de FC de autores como Domingos Carvalho da Silva, Finisia Fideli, Roberto de Sousa Causo, Jorge Luiz Calife e Machado de Assis, esta pesquisa busca identificar e discutir, pela perspectiva da Antropologia Social, alguns dos principais símbolos de alteridade oriundos de conflitos ideológicos na História do país.

Palavras-chave: Ficção Científica; brasilidade; desigualdade social; alteridade; Globalização.

Abstract: This work aims to analyze how Brazilian Science Fiction (SF) short stories reflect and critique social and political issues in Brazil, addressing themes such as inequality, prejudice, and class struggle, aligned with the structural changes in Brazilian society and the technological advances resulting from globalization. Based on SF short stories by authors such as Domingos Carvalho da Silva, Finisia Fideli, Roberto de Sousa Causo, Jorge Luiz Calife and Machado de Assis, this research aims to identify and discuss, from the perspective of Social Anthropology, some of the main symbols of otherness stemming from ideological conflicts in the country's History.

Keywords: Science Fiction; brazilianess; social inequality; otherness; Globalization.

Introdução

“Ouviram do Ipiranga às margens plácidas de um povo heroico brado retumbante [...]” (Estrada, 1909). Protesto contra o colonizador, grito de liberdade para a concepção de um novo mundo, “proferir é, de certo modo, produzir” (Chevalier; Gheerbrant, 2006, p. 479). O brado retumba próximo de um tranquilo ribeirão, imagem que alia a flora remota ao conceito de nação batalhadora e imaculada. Contudo, as margens não ficaram tão plácidas ante o brado retumbante das manifestações progressistas, por meio das quais o avanço científico efetivaria a política imperial no Brasil. Esse desvio possui precedentes no hino nacional, pois, embora sua letra tente desenhar uma aquarela patriótica, não se pode desconsiderar que ele se pareça com o estertor do europeu, com seus romances afeitos a atos mirabolantes de bravura.

A literatura oitocentista busca reescrever essa assertiva criando uma “condição de brasilidade” revestida de elementos ufanistas, com o intento de endossar o potencial gregário burguês: a perspectiva de intercâmbio entre ciência, tecnologia e comércio para incentivar a evolução socioeconômica brasileira. A Medicina, um dos pilares desse projeto, estimulava a higienização dos centros urbanos, espalhando insumos sanitários para combater a varíola, a exemplo do ocorrido na capital da república, a qual havia sido reestruturada de acordo com o modelo europeu, a fim de também inaugurar sua *Belle Époque* (Silva, 2008).

A organização de entidades gestoras científicas sempre ficava sob tutela de setores sociais cujo investimento de capital era acentuado. Em “O Imortal” (1882), de Machado de Assis, há dois planos narrativos que situam essa singularidade: a história do homem eterno e a de seu descendente, que conta a narrativa de seu antecessor a membros seletos de uma pacata vila fluminense; a burguesia torna-se receptora e transmissora de realidades extraordinárias, mas sem participar diretamente delas. O enredo digressivo enfoca o elixir da vida eterna, e seu ponto de partida é um espaço primitivo, ao gosto do pesquisador aventureiro. A paisagem paradisíaca e sedutora, com suas virtuais lendas e mistérios, levava o nobre explorador a tentar decifrar o vocabulário mítico de regiões remotas. Se outrora a fonte do maravilhoso procedia da aldeia imperialista, rumo a um mundo industrializado e competitivo, posteriormente, sua introdução consistia em se apartar, dentro desse mesmo contexto (e de acordo com a sua filosofia), dos representantes marginalizados da colônia e do império.

Essa atuação irá fomentar outros aspectos do brado social na Ficção científica¹ nacional, os quais, até então, foram abordados superficialmente pelos críticos, que priorizaram a análise de produções de autores engajados ao Modernismo e a militâncias políticas. Essa preferência comprova que a FC brasileira “também sofre da ideia de que um país do Terceiro Mundo não poderia autenticamente produzir tal gênero, e das atitudes culturais elitistas que prevalecem no Brasil” (Ginway, 2005, p. 27). No entanto, o romance científico destacou-se nacionalmente durante a *Belle Époque* ao ilustrar o progresso urbano junto do proletariado, que se constituía, em sua maioria, por ex-escravos e imigrantes, “raças inferiores”, segundo as teorias do Determinismo histórico, do Positivismo e do Darwinismo social; modelos de que se valiam as elites governantes para o controle e a repressão popular.

Ante essa empreitada científica das elites para manter-se no poder, de que forma os aspectos de brasilidade do romance tradicional transparecem nos contos de FC? Machado de Assis (*apud* Coutinho, 1986) observa que o brasileiro possui notável capacidade de se integrar a classes distintas, e que até mesmo a prole pode alcançar cargos auspiciosos. Tal

¹ A expressão “Ficção científica”, com “F” maiúsculo, condiz com a valorização dessa vertente fantástica em meados do século XX, a exemplo do sucesso de obras seminais como “Guerra dos Mundos”, “O Homem invisível”, “A Ilha do Dr. Moreau”, do escritor britânico H. G. Wells. Além disso, a abreviação “FC”, ou “SF” (de *Science fiction*), segue o padrão editorial usado pelas revistas do passado e do presente que discorrem sobre o tema.

comentário refere-se à literatura romântica de José de Alencar, sobretudo a sua sensibilidade para evocar um espírito intimista, próprio do povo. Mas como esse brado soou na Ficção científica brasileira? Para responder tais questões, propõe-se reavaliar o conflitante panorama social brasileiro, à guisa dos avanços científicos impulsionados por políticas centralizadoras, o que culminará no atual quadro de dissensões.

Essa noção de brasilidade equivale à simbologia do brado, do qual pode advir um futuro promissor, pautado na esperança progressista. “Ordem e progresso” é o lema positivista da bandeira, cujas cores remetem à promessa de abundantes riquezas, mas o brado tanto pode conjurar uma realidade esperançosa como aterradora: “arma persuasiva ou dissuasiva, o grito salva ou aniquila” (Chevalier; Gheerbrant, 2006, p. 479). Nesse sentido, como os contos nacionais de FC incorporaram os temas da desigualdade, do preconceito e da luta de classes durante a construção de um novo mundo? Visando discutir tal problema, esta pesquisa recorrerá à bibliografia de Afrânio Coutinho, Muniz Sodré, Zygmunt Bauman, David Harvey, Mary Del Priore, Mircea Eliade, entre outros, buscando contextualizar essas narrativas dentro do panorama mais amplo em que está inserido o fantástico nos séculos XIX e XX, de modo que o leitor vislumbre as transformações socioculturais no Brasil através de um novo ângulo.

Representações de alteridade e conflito na FC nacional

No terreno especulativo da FC brasileira, acha-se o conto “Água de Nagasáqui” (1965), de Domingos C. da Silva, no qual são mostradas as consequências da contaminação radioativa e da guerra atômica, principalmente o pavor das mudanças que esses eventos causaram na humanidade. A história trata da imigração de um japonês contaminado pela explosão nuclear em Nagasáqui e de sua funesta adaptação no Brasil. Essa “invasão” do estranho sinaliza para a vertente fantástica da FC, considerando que o fantástico “se constitui sobre o reconhecimento da alteridade absoluta, a qual pressupõe uma racionalidade original, ‘outra’ justamente” (Bessière, 2001, p. 98). Nesse conto, observa-se a opressiva influência da cena política brasileira, que logo paralisa o protagonista em circunstâncias de intensa angústia e medo, reescrevendo o secular conflito entre governantes e governados. Assim, pode-se considerar a alteridade um dos aspectos de verificação das mudanças do brado social rumo ao atual conceito de brasilidade.

Tal conceito é visto no imaginário político retratado nos contos nacionais de FC, em que a linha especulativa transita entre o passado, o presente e o futuro. O passado da História Brasileira, por sua vez, é tratado como uma reserva natural para a expansão da ordem econômica, mediante um novo contingente urbano – a “gente civilizada” com seu conhecimento científico e tecnológico. Dessa forma, esse brado por um novo mundo adquire tonalidade abissal num futuro distópico “onde se estabelecem relações dialéticas, relações de forças, relações de grandezas, relações de velocidades, todas elas irreduzíveis ao presente” (Bauman, 2001, p. 45). Tais relações são problematizadas no conto “Exercícios de silêncio” (1983), de Finisia Fideli, no qual uma sociedade utópica



extraterrestre abriu mão do conhecimento científico e passou a dedicar-se a um modelo de vida alternativo, como a comunidade *hippie* nos anos sessenta. Theo, o astronauta protagonista, faz um pouso forçado neste planeta, onde sua mente científica e racional terá de confrontar os “exercícios de silêncio” de um “povo primitivo”.

Preso nesse planeta “semibárbaro” e “com uma câmara de fusão perdendo energia [...]” (Fideli, 2007, p. 146), Theo se vê incapaz de aplicar seu raciocínio pragmático na resolução do grave problema. Trata-se do conflito secular entre a aldeia – bizarra e primitiva – e o mundo urbano e futurista do *Homo faber*, bem como o dialogismo entre os movimentos de contracultura e o arbitrário modelo progressista implantado pela ditadura militar no Brasil. Daí a transformação radical do sistema político-ideológico a partir da polarização classista, ou seja, a análise comparativa das condições históricas e culturais projetadas nessa narrativa revela o brado inconformado do positivismo científico de Theo num contexto de “silêncio meditativo” praticado por grupos sociais indiferentes ao seu clamor.

Com isso, a alteridade acaba assumindo formas variadas na FC, refletindo as tensões entre modernidade e tradição no vasto território brasileiro compactado por diversas classes sociais. “Exercícios de silêncio” exemplifica essa incongruência pelo personagem Theo, representante de uma sociedade futurista, porém um “deus caído”, conforme a situação dele sugere, já que sua utopia tecnocientífica deve estabelecer e controlar as relações de classes, ainda que ela tenha potencial de tornar-se uma perigosa distopia, evidenciando, assim, a linha tênue entre progresso e autoritarismo.

Nesse sentido, “A morte do cometa” (1985), de Jorge Luiz Calife, também projeta para o futuro das viagens interestelares a problemática vigente de uma sociedade tecnocrata incapaz de apreender a magnitude transcendental do Cosmos. A narrativa explora a interseção entre a modernidade e as mitologias, refletindo sobre como a tecnologia pode ser vista através de diferentes lentes culturais. O astronauta Henrique Freitas, personagem-narrador do conto, traz à tona interpretações míticas acerca da viagem do cometa Halley, sugerindo que a ciência e o maravilhoso podem coexistir de formas complexas, mas interdependentes. O personagem e a astronauta Silvia, sua companheira, fazem parte de um programa de monitoramento do cometa, para a análise de sua trajetória em torno da Terra, algo que acontece aproximadamente a cada setenta e cinco ou setenta e seis anos. Como o objeto representa agora um perigo para o planeta, os astronautas estavam autorizados a acoplar explosivos em suas camadas rochosas e destruí-lo.

É preciso levar em conta dois excertos da narrativa, pelos quais se pode observar a contradição dos aparatos tecnológicos das vestimentas dos astronautas com a visão subjetiva de Henrique sobre o cometa: “Nossos trajes espaciais eram como uma segunda pele ajustada ao corpo, com capacetes anatômicos e uma musculatura biônica a cobrir nossos corpos naturais, amplificando nossas forças” (Calife, 2007, p. 163). Em contrapartida,

enquanto a cabeça do cometa girava e as camadas de gás congelado iam sublimando para o espaço, surgiam formas estranhas, bizarras, [...] um



canteiro de formas cristalinas, eriçadas como esculturas de coral, no fundo de uma depressão de gelo cianogênico (Calife, 2007, p. 163).

Nota-se que os trajes espaciais modificam a estrutura biológica dos astronautas, cobrindo-a à medida que amplificam suas forças. De outro modo, o cometa reveste-se de uma aura a um só tempo estranha e bizarra, além de cristalina e escultural, em uma depressão de gelo cianogênico, substância altamente prejudicial à saúde humana, realçando ainda mais a ameaça do bólido para a humanidade. Henrique e Silvia adquirem capacidades sobre-humanas ao se vestirem de escafandros *high tech*, mas acabam dirimindo suas identidades a ponto de seus corpos tornarem-se biônicos. Com isso, eles se transformam em deuses graças a um sistema avançado de gerenciamento de ameaças potenciais à Terra. No entanto, o apagamento identitário fica implícito, como se os personagens também estivessem fadados a perecer da mesma forma que o cometa. Eles são os heróis do “planeta Brasil” na década de oitenta, quando foi publicado o conto, ou seja, os deuses que irão salvar a humanidade do cometa arbitrário da ditadura, ainda em órbita no cenário político brasileiro, ameaçando a estrutura democrática consolidada pela Constituição de 1988. Mas

o lugar dos deuses não está, claro, reservado para todos. Haverá sempre, na ótica desse discurso mítico-ideológico que é a FC, os lugares do dominante e do dominado, do forte e do fraco, do banal e do extraordinário, do herói legendário e do comum mortal. Afinal de contas, a imaginação, a fantasia, a *féerie*, não poderiam hoje subtrair-se impunemente à luta de classes (Sodré, 1973, p. 123).

Por isso, a epifania de uma nação utópica continuava comprometida, visto que os heróis brasileiros também não conseguiriam se evadir de um sistema de castas, potencializado por um contexto de evolução e grandes mudanças em todos os setores da sociedade, de modo que as elites continuariam predominantes na política, na indústria e no comércio, perpetuando a desigualdade social, ou seja, as classes dominantes somente trocariam as peças do tabuleiro político-ideológico no Brasil.

O cometa é descrito por Henrique como uma escultura cristalina prestes a ruir em meio a vapores vertiginosos (Calife, 2007), porém os escafandros que os cosmonautas usam parecem mimetizar tal escultura por meio de um jogo de espelhamento que poderá ser fatal tanto para o bólido quanto para os “deuses” portadores da dádiva do progresso tecnocrata². Essa dualidade, por vezes agressiva, permanece uma incógnita para os brasileiros, pois reescreve constantemente “as possibilidades de experiência” dos indivíduos, provocando “uma abertura para as multiplicidades, permitindo hibridismos entre humano e inumano, real e ficção, visível e invisível” (Oliveira, 2001, p. 13).

“A mulher mais bela do mundo” (1997), de Roberto de Sousa Causo, também

² É necessário conceber que a democracia só é possível se a população tiver acesso aos avanços tecnológicos de sua época, embora tais avanços possam ser utilizados para alienar e dominar as classes ditas “inferiores”. Aqui se encaixa o termo “tecnocracia”, isto é, o governo da técnica e da lógica científica.

compartilha dessa visão ao representar a modernidade sob um prisma mítico-ideológico. Esse conto também ilustra como a tecnocracia não é apenas uma força de progresso, mas também um campo de batalha onde diferentes perspectivas de mundo se confrontam e se transformam. A história, contada em primeira pessoa por Ferreira, fotógrafo brasileiro radicado nos Estados Unidos, refere-se às disparidades sociais num contexto altamente evoluído cientificamente, a ponto de a humanidade já ter entrado em contato com inteligências alienígenas. As antíteses do enredo são várias e significativas, desde o contraste entre a “mulher mais bela do mundo” e o “povo bonito”, ambos retratados na exposição fotográfica do personagem no *Metropolitan Museum*, até as diferenças entre as estátuas africanas e a loura sedutora que as observa. Um dos paradoxos mais sugestivos é mencionado, na introdução do conto, pelo escritor canadense Jean-Louis Trudel (2002 *apud* Causo, 2007, p. 168):

Claramente, o [seu] protagonista comanda soma inesperada de poder, ao revelar o que os ricos, o que os cidadãos do Primeiro Mundo, não desejavam que seus visitantes alienígenas vissem. E o que ele sabe sobre o mundo é o que os anfitriões dos alienígenas não sabem sobre os visitantes das estrelas... [...] (Trudel, 2002 *apud* Causo, 2007, p. 168).

O que os anfitriões norte-americanos não sabem (ou dissimulam desconhecer), e o que a mulher loura, comparada a um sol incandescente entre estátuas de laca, busca entender, são seus papéis diante da alteridade ameaçadora, o que converge para o reconhecimento de si mesmos e de suas responsabilidades em face da pobreza e do abandono de pessoas anônimas. No entanto, esse “povo bonito” é mostrado às elites através dos diversos registros fotográficos do Brasil estagnado em aglomerados de favelas e demais locais marginalizados geográfica e socialmente. Além disso, os extraterrestres revelam a Ferreira que o planeta do qual vieram também sofre das mesmas desigualdades registradas nas fotos, de maneira que o *alien* (termo designativo de *estranho*) funcione como um agente externo cuja finalidade narrativa consiste em despertar em cada ser humano a sua identidade cósmica e plural, enquanto este volta seu olhar – ou lente da câmera – para o outro(a). É interessante notar que a personagem loura não tem nome, bem como as estátuas negras e os indivíduos fotografados em situação de miséria. A modelo, intrigada por ser um “assunto” ao qual é indiferente, acaba obtendo artisticamente uma revelação ontológica, à medida que ela se envolve com o fotógrafo-narrador Ferreira, um “mulato”, como ele a corrige em determinado momento, oriundo de classes sociais apagadas aos olhos do hemisfério norte (Causo, 2007).

A instigante natureza anônima das estranhas imagens metaficcionais, assim como dos personagens que desfilam pela narrativa, exceto a identidade de Ferreira, já que ele possui a “pena” fotográfica, tende a nivelar as classes sociais em sua humanidade. O mediador para tal condição é o “alienígena” do submundo brasileiro, porque ele provoca o instinto basilar do homem de se (re)conhecer na alteridade, em vista de um contexto gradualmente anacrônico e fragmentado, no qual se prolifera uma infinidade de

estereótipos, instrumentos burocráticos e preconceitos de toda ordem. Fomentando tais produtos da globalização, os países de primeiro mundo sublinham a condição subserviente das nações do hemisfério sul, ao passo que Ferreira desafia tal postulado quando leva sua exposição fotográfica ao *Metropolitan Museum*; ou seja, os porões da história brasileira abrem-se no centro do baluarte da hegemônica História norte-americana a fim de denunciar os problemas sociais no Brasil, enquanto os ricos se preocupam mais com uma hipócrita diplomacia para recepcionar os visitantes extraterrestres.

São sintomáticas não só a denúncia das desigualdades classistas e as demarcações de estereótipos³, como também a perspectiva mítica de renovação de um mundo viciado pelos fenômenos da globalização nos anos 90, os quais potencializam o antagonismo entre camadas distintas na pirâmide social. “Ora, no fim de um ciclo e no início do ciclo seguinte, realiza-se uma série de rituais que visam à renovação do Mundo” (Eliade, 1972, p. 44). As fotografias de realidades diametralmente opostas à globalização, expondo totens africanos deformados, à revelia da fulgurante beleza ocidental da musa loura, ressaltam “muitas realidades embutidas. A constituição de um planeta geofinanceiro talvez seja seu aspecto mais espetacular” (Del Priore, 2010, p. 214).

Nesse mundo de teias de comunicação avançadas, onde a *internet* começava a mediar as relações comerciais e a atualizar todas as experiências numa velocidade assustadora, preparando o homem do *fin du siècle* para a era digital, havia a necessidade de manter os países pobres atados à coleira do empobrecimento, com dívidas perenes e acordos vantajosos quase unilaterais para as grandes potências. Dessa forma, a comitiva de alienígenas do conto de Causo (2007, p. 174) deve seguir um guia turístico pré-estabelecido, “mas nada de visitas ao Harlem, ou às favelas do Rio ou de Calcutá; apenas passeios seguros a museus, a sessões da ONU, ou a encontros congressionais [...] nos países ricos. Mas os extraterrestres, em deparando-se com a exposição organizada por Ferreira, se interessam pelas fotos, uma vez que, ironicamente, estão diante de simulacros da condição social do planeta de onde vieram. Por isso, no mundo globalizado da narrativa de Causo, a elite alienada torna-se mais estranha que os próprios alienígenas, que se reconhecem no conflitante contexto de disputas sociais da Terra, eventualmente acirrado pela globalização. Ademais, a postura reativa (política) da arte engajada de Ferreira procura adequar-se ao novo padrão mundial, na medida em que,

entre os partidos de esquerda, a revolução desaparece do horizonte, dando lugar a posturas reformistas. Procura-se diminuir os efeitos negativos da globalização, criando-se formas de proteger o sistema econômico nacional. Junto a isso, combatem-se as desigualdades, através de políticas de distribuição de renda e uma série de outros programas sociais (Del Priore, 2010, p. 214).

As fisionomias distorcidas dos totens africanos, assim como as fotos de brasileiros

³ Destacam-se, nesse sentido, as indagações da “mulher mais bela do mundo”: – O que isso significa? [...] Significa que eu sou parte de uma... alienação? Que sou só mais uma carinha bonita, enquanto o mundo passa fome? (Causo, 2007, p. 173).

em situação de miséria, são alusões às *Demoiselles d'Avignon*, quadro cubista de Picasso, que inclusive é citado por Ferreira quando se depara com as esculturas. Eis a liturgia narrativa do conto de Roberto Sousa Causo: inserir elementos mágicos de uma cultura ancestral para, além de contestar a organização capitalista do mundo globalizado dos anos 1990, tentar desacelerá-lo com a visão estupefaciente de uma ignorada realidade paralela. Nesse sentido, os personagens da exposição

atraem a atenção, o temor e a malevolência públicos, por particularidades físicas ou por uma destreza extraordinária, como os ventríloquos, os malabaristas, os farsantes; uma enfermidade basta, como no caso dos corcundas, dos aleijados, dos cegos, etc. (Mauss; Hubert *apud* Eliade, 1999, p. 58).

A linda mulher adquire características divinas ao sobrepor-se, em primeiro plano, àquelas esculturas bizarras, ela mesma visivelmente impressionada pela estranheza esculpida nas feições dos totens. Tal imagem reforça a divisão entre os padrões sociais de países pobres e aqueles em evidência nas nações ricas. Porquanto, Ferreira parece se apaixonar mais pela arrebatadora antítese entre a figura radiante da modelo e as imagens distorcidas dos totens do que propriamente pela mulher mais bela do mundo, isto é, ele se encanta, em última instância, pelos resultados estéticos desse oxímoro, assim como pelos contrastes da modelo registrados pela lente da câmera dele. Logo, a personagem feminina, por meio da arte fotográfica, passa por um ritual de simbiose com uma cultura desconhecida, que conseqüentemente a torna mais humana e natural, a exemplo do encontro dela com Ferreira no dia seguinte ao da exposição, em que ela aparece sem a máscara superficial de sua maquiagem.

Vale lembrar que, enquanto a modelo gradativamente se humaniza, ultrapassando a fronteira dos valores institucionais, as autoridades diplomáticas tratam de delimitar as posições de cada um no jogo social, conforme acontece ao fotógrafo quando investigado por um agente do FBI, cuja finalidade é intimidá-lo, ou seja, colocá-lo em seu devido “lugar social”. Portanto, à luz do conto de Causo, percebe-se que a alteridade apresentada na FC brasileira tem como escopo os impactos da globalização nas diferenças socioculturais, sobretudo no Brasil, um país em constante transformação, mas igualmente refém de uma constante contrapartida política de segregação e reclusão.

Esse comportamento é mais recorrente em países de primeiro mundo⁴, onde se aplicam medidas rígidas para combater os efeitos de uma possível aculturação, de forma que o imigrante está continuamente sob suspeita, pois ele é o “outro”, aquele que pode corromper a comunidade local com “hábitos estranhos”, o que lhe dá o rótulo de potencial criminoso; daí o medo não só do estrangeiro em si, como também de seus costumes e práticas (Delumeau, 2009).

⁴ Evidentemente, o medo em relação ao estrangeiro é generalizado e imanente aos macro e microcosmos sociais, desde tribos indígenas e comunidades ribeirinhas isoladas, até as nações ricas do hemisfério Norte, ou seja, todo agente externo tende a despertar desconfianças e temores em qualquer agrupamento, uma vez que desestabiliza a ordem estabelecida tanto política quanto culturalmente.

O receio à presença do outro acontece em patamares e níveis sociais distintos, mesmo internamente, ainda mais considerando a dimensão territorial do Brasil e suas múltiplas faces de tradições e ritos. Um desses (des)níveis é a relação conflitante entre as autoridades – tanto científicas quanto governamentais – com a população, sobretudo com as classes mais pobres. Por isso, para entender-se algumas das principais motivações desse problema, é preciso rever pontos nevrálgicos precedentes à ascensão da Primeira República, os quais se encontram no conto “O Imortal” (1882), de Machado de Assis.

Sua narrativa digressiva sobre o elixir da vida eterna apresenta uma burguesia que se torna receptora e transmissora de realidades extraordinárias. A história do homem eterno e de seu descendente reflete sobre como as elites buscam manter o controle do conhecimento e do poder, enquanto as classes pobres permanecem à margem das grandes transformações. O Dr. Leão, filho do imortal, relata resumidamente as aventuras e desventuras de seu pai, que consegue esse auspício após ingerir uma bebida misteriosa que lhe é oferecida por seu genro, o cacique Pirajuá. A partir de então, as peripécias romanescas dessa condição macrobiana se multiplicam, bem como as identidades que o pai do personagem assume ao viajar por Europa e Ásia respectivamente. Ouvintes dessa espantosa narrativa, o tabelião e o coronel, a quem o doutor faz a visita durante o serão, se convencem da veracidade dos acontecimentos, tendo em vista a reputação idônea do médico homeopata. Embora o pai do visitante tenha sobrevivido a incontáveis traições, guerras, rebeliões e disputas, prefere morrer ante o tedioso e redundante enredo da vida burguesa, de modo que, ao final da história, ingere a metade restante do elixir, única possibilidade de reaver sua mortalidade (Assis, 2007).

O Dr. Leão tenta seguir uma cronologia linear durante a narração da história de seu pai imortal. Primeiro, diz que seu progenitor nasceu em 1600 na capitania de Pernambuco, e ainda novo ingressou numa ordem monástica, de onde fugiu depois da invasão holandesa, refugiando-se na tribo do cacique Pirajuá, de quem recebeu o elixir da vida eterna. Desse ponto em diante, o imortal percorre o Brasil-colônia e viaja para a Europa e a Ásia, tornando-se um homem cosmopolita e influente. No entanto, da mesma forma que rapidamente alcança posições de prestígio e poder nos salões aristocratas europeus, suas empreitadas decaem e ele tem de recomeçar, vítima de um ciclo perene de sucessos e fracassos *ad seculum seculorum*. Esse conto de Machado de Assis possui várias camadas narrativas, mas a que interessa para a proposta deste trabalho é especificamente a apropriação de inúmeras identidades no decorrer da história, condizente com o *status* cosmopolita do imortal.

A começar com sua genealogia, trata-se do fruto da união entre uma “grande casa de Alentejo” e a “nobreza de Espanha” (Assis, 2007, p. 28). Inicialmente é um colonizador, depois monge, por conseguinte, genro do cacique, e quando se evade com o restante do elixir, Ruy de Leão, pai imortal do narrador homônimo, exerce “os mais contrários ofícios: soldado, advogado, sacristão, mestre de dança, comerciante e livreiro. Chegou a ser agente secreto da Áustria, guarda pontifício e armador de navios” (Assis, 2007, p. 34).



Esses diversos papéis perfazem uma cadeia de eventos que visam à manutenção do poder e do *status quo* nas mãos das classes tradicionais – no contexto oitocentista, vestindo-as com a alcunha “burguesia republicana” –, em face da profunda transformação social ocorrida no final do segundo império e do célere avanço das ciências em todos os setores; por exemplo, os estudos recentes da Homeopatia no último terço do século XIX, como um método científico confiável e seguro. Desse modo, o imortal tenta assumir um lugar de destaque na sociedade da época, no sentido de controlar os papéis sociais e perpetuar esse controle, ameaçado por levantes revolucionários que poderiam ameaçar o domínio do patriarcado colonial. Em síntese, esse comportamento nada mais é que o medo em relação à alteridade, sobretudo no Brasil, onde

o medo da africanização era [...] um “produto” a mais importado da civilizada Europa. Só que, no contexto da sociedade imperial, esse preconceito contava com um importante contraponto: a necessidade de trabalhadores para a agricultura. No intuito de conseguir apoio dos fazendeiros, a política adotada pelos reformistas foi a de estimular a vinda de imigrantes europeus, destinados a fazer com que a sociedade brasileira não necessitasse mais de seus “inimigos domésticos”. Uma outra vertente caminhou no sentido de reformar a escravidão, procurando de certo modo “europeizar” os trabalhadores da senzala. Não por acaso, na transição da primeira para a segunda metade do século XIX, proliferaram, entre os grandes fazendeiros, manuais esclarecendo o tratamento a ser dado aos escravos (Del Priore, 2010, p. 131-132).

Convém ressaltar que o caráter “reformista” da empreitada de Ruy Leão começa com o elixir oferecido ao guerreiro branco por Pirajuá, cuja liderança da tribo poderia ter sido assumida pelo imortal, se assim o desejasse, logo após o extermínio dos nativos. A dádiva da beveragem, a imortalidade, associa-se metaforicamente à usurpação do lugar – físico e social – do indígena para obter os recursos de seu território, como fauna e flora, a fim de se alcançar um novo estágio evolutivo na pirâmide social, ou seja, o influente burguês cosmopolita da Primeira República, o qual iria organizar e conduzir a reforma social brasileira; por exemplo, “europeizando” os trabalhadores da senzala, com o intuito não somente de substituir/atualizar a mão de obra escrava, mas também de mitigar uma potencial aculturação, que resultaria na invasão da casa grande colonial pela cultura de matriz africana.

Essa tentativa de “ordenar” os lugares sociais remonta ao medo do colonizador de perder o *status* conquistado com truculência e ardilosos subterfúgios pelos seus antepassados. Ainda assim, o contexto ideológico-libertário dos movimentos anarquistas, do abolicionismo, bem como a expansão industrial e científica, não se mostraram tão passivos para a burguesia republicana, que buscava mediar os conflitos de interesses entre os conservadores e a política reformista. Então, o projeto progressista de Ruy Leão tenta assumir as várias identidades de uma nação que se reorganizava em todos os setores, a fim de controlá-las, tornando “imortal” o domínio secular do colonizador sobre o colonizado. Porém, ele não obteve êxito na narrativa machadiana. Suas falhas recorrentes se devem à



natureza imutável (imortal) do colonialismo, pois este não conseguia se adaptar às rápidas mudanças que, ironicamente, a própria burguesia empreendia no Brasil. Portanto, às façanhas conquistadas pelo personagem imortal, sucedem-se repetidas derrotas e fracassos devido ao dinâmico jogo social, criando o limbo de um ciclo vicioso que aos poucos vai minando a “imortalidade” do pai do médico, a ponto de Ruy Leão preferir tomar a metade restante do elixir e morrer.

A contraditória morte do homem imortal sugere que o patriarcado não conseguiu se sustentar durante a transição do século XIX para o XX, ou seja, essa “gravitação em torno de uma autoridade que transcendesse a quase tudo; um padrão a ser observado sem reservas desde a forma mais elementar de comunidade, até a mais complexa”, segundo Gilberto Freyre (*apud* Coutinho, 1986, p. 274), não pôde resistir às transformações sociais vigentes, iniciando-se assim o período pós-patriarcal, que

consubstanciou maior liberdade de atitudes, rompimento mais efetivo e socialmente normal aos cordões umbilicais antropológicos centralizados na pessoa do patriarca: vivência muito mais pessoal e individualista que um simples reflexo de um padrão social (Coutinho, 1986, p. 274).

O Romantismo brasileiro localiza-se nesse pretensioso cenário de rompimento dos cordões umbilicais do patriarcado, mas é malsucedido em suplantá-los, já que essa vivência pessoal e individualista, marco dos pensadores românticos, continuava submissa à conjuntura política da burguesia em ascensão, a qual almejava o legado de dominação dos colonizadores aristocratas. Tal dependência dos estigmas sociais do europeu pode ser observada nas posturas dos ouvintes da história narrada pelo filho do imortal, o tabelião e o coronel, ambos burgueses respeitados pela credibilidade dos papéis que representam na comunidade. Eles é que validam a fantástica narrativa do médico, fundamentada, em grande medida, por pseudociências⁵, para alimentar sua vazia e reiterada promessa de uma sociedade mais justa e igualitária, enquanto continuavam gravitando em torno da autoridade patriarcal.

Embora o período colonial esteja temporalmente distante, o procedimento burguês de perpetuação do legado patriarcal de domínio frente às mudanças sociais ainda se evidencia no contexto brasileiro, onde a globalização, com suas rápidas mudanças tecnológicas, tem um impacto profundo na democracia e na constituição identitária da população. Numa perspectiva abrangente, Bauman (2001) descreve a modernidade como uma era de fluidez e incerteza, na qual as fronteiras diluem-se, à medida que as tecnologias de informação reconfiguram as relações sociais. Esse conceito é crucial para se entender como os contos de FC analisados abordam os impactos da globalização na sociedade brasileira.

⁵ A escalada social de Ruy Leão é um fato que se alinha a conceitos basilares do Evolucionismo social e do Determinismo, ciências cujo arcabouço teórico era – não é mais – considerado pertinente nas academias do século XIX. Ou seja, somente o personagem imortal teria condições de alcançar um elevado padrão de vida, devido a sua linhagem e a seu *status* dominante de colonizador, ao contrário dos nativos de quem se aproveita para ganhar a “imortalidade”.

David Harvey (2008) salienta que esse período é caracterizado pela fragmentação e diversidade cultural, também resultante do processo de globalização e das tecnologias de informação. Esses posicionamentos ajudam a compreender como as narrativas de FC refletem as mudanças na brasilidade contemporânea, destacando as tensões entre tradição e modernidade. Se antes, no século XIX, buscava-se uma “vivência muito mais pessoal e individualista que um simples reflexo de um padrão social” (Coutinho, 1986, p. 274), agora os padrões sociais são considerados irrefletidamente como resultado de uma experiência pessoal – e individualista – do brasileiro, quando este reverbera seu arraigado colonialismo ideológico na *internet*, em veículos midiáticos mais cumulativos e passionais do que seletivos.

Conclusão

O estudo dos contos de FC brasileiros revelaram um quadro de críticas e reflexões sobre as complexas questões sociais e políticas do país. A alteridade e o conflito são temáticas que permeiam essas narrativas, proporcionando uma possível abordagem para o entendimento da identidade brasileira em um mundo globalizado. “Água de Nagasáqui”, por exemplo, demonstrou como a guerra e suas consequências moldam profundamente as vidas dos personagens, sublinhando a alteridade como fonte paradoxal de ameaça e renovação.

Em “A mulher mais bela do mundo”, observou-se o impacto da globalização na construção da identidade, mostrando a disparidade que há entre países ricos e pobres, a fim de propor que suas fronteiras humanas se abram sob uma perspectiva a um só tempo filosófica e humanitária. Esses contos ilustram as transformações da sociedade brasileira, evidenciando tanto a resistência quanto a adaptação, por vezes hostil, do arcaico regime patriarcal frente às constantes mudanças socioculturais no Brasil. Mediante a análise literária apresentada, viu-se que o conceito de brasilidade é cada vez mais fluido e variável, à medida em que se reconstrói ininterruptamente, influenciado por forças globais e tradições locais, sendo essa alteridade o ponto convergente das complexidades da identidade nacional.

Nesse sentido, a FC brasileira tece críticas contundentes à desigualdade, principal vetor dos confrontos classistas, tornando-se assim uma vertente literária eficaz para se discutir os paradoxos sociais no Brasil. Além disso, ao valorizar os contos de FC de autores nacionais, esta pesquisa destaca a capacidade desses textos de abordar temas universais através de uma perspectiva brasileira, tendo em vista que a Ficção Científica consumida em território nacional é quase exclusivamente de escritores europeus e norte-americanos, como Isaac Asimov, Philip K. Dick, Arthur C. Clarke, entre outros. Com isso, o presente trabalho oportunizou ao público, principalmente aos mais jovens, (re)conhecer a FC produzida por autores nacionais, de modo a visualizarem os desafios de um novo mundo pelo prisma de escritores brasileiros, outrora escanteados na bibliografia dessa modalidade fantástica.



Os contos nacionais de FC funcionam então como laboratório antropológico, onde se experimentam e se observam as reações humanas ante cenários hipotéticos que espelham a realidade contemporânea. Essas narrativas apontam para as consequências dos processos de globalização e modernização na forma como os indivíduos se percebem e se relacionam com o mundo, e como esses processos agravam os efeitos funestos da atual polarização política no país.

Conforme verificado, a origem desse problema, que irá reverberar na História brasileira, pode ser encontrada no conto “O imortal”, de Machado de Assis, pelo qual se pode interpretar que o “elixir” dos séculos passados ainda está latente em grande parte da população brasileira, provavelmente oriundo do traumático processo de colonização do país, ou seja, o que de fato tornou-se imortal foi o arquétipo do colonizador, símbolo indissociável do conservadorismo.

Não só porque ele busca respectivamente destruir e apropriar-se das identidades (e dos recursos) daqueles considerados pejorativamente inaptos ou diferentes, mas também porque tenta subverter o instinto humano de descobrir, isto é, o colonizador explora – a ambiguidade do vocábulo é proposital, equivalente a desvelar os costumes e recursos do outro e tirar proveito financeiro e material deles – o que lhe é desconhecido com a intenção subjacente de ordená-lo de acordo com os valores culturais do branco europeu.

De modo geral, esse elixir arquetípico perpassa as atitudes moralistas recorrentes hoje no Brasil, tais como a defesa da família tradicional, o combate à corrupção, a apologia à intervenção religiosa nas instituições públicas, a luta pelos direitos de grupos minoritários etc. Contudo, é importante frisar que esses engajamentos tendem a favorecer, em último caso, aos interesses partidários de A ou B, quando não são individualizados, de alcançar as benesses oferecidas pelo Estado. Isso quer dizer que, na maioria das vezes, esses brados populistas não promovem mudanças significativas na estrutura social, mas acirra ainda mais as diferenças de classe e as demais desigualdades, uma vez que as mantêm em seu fragilizado lugar social, o que comprova que a iniciativa de dirimir os graves problemas no Brasil, no fim das contas, só é válida se o pretenso arauto popular, arquétipo do colonizador, pertencer a um dos lados no jogo político pelo Poder. Logo, o brado por um novo mundo (uma sociedade menos desigual) é tolhido pelas raízes seculares do *modus operandi* do colonizador nos séculos posteriores ao descobrimento, ainda que o brasileiro, sobretudo aquele que se acha numa posição inferior na pirâmide social, não tenha consciência de que esse arquétipo continua se alastrando nas teses redundantes de A ou B para defender suas respectivas ideologias. Por isso, parafraseando o educador Paulo Freire (1987), o sonho do oprimido num país onde a injustiça impera, motivada por condutas vinculadas ao arquétipo do colonizador, será sempre o de ocupar o lugar social desse opressor.

Através das interseções entre o futuro e o passado, a FC brasileira não só critica esse *status quo*, mas também propõe novas perspectivas e formas de se pensar a realidade do país, contribuindo para o entendimento das transformações socioculturais no Brasil



contemporâneo. Ademais, a Ficção científica brasileira cria um espaço para a reflexão crítica, onde os leitores são convidados a questionar e a reavaliar as estruturas políticas que orientam suas vidas, explorando temas como alteridade, conflito social e globalização, essas narrativas permitem enxergar o Brasil sob uma nova luz, revelando suas fraquezas e potencialidades. Portanto, este estudo reafirma a importância da FC brasileira como vertente literária capaz de provocar mudanças em direção a um futuro mais justo e igualitário.

Referências

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. O Imortal. *In*: CAUSO, Roberto de Sousa (ed.). **Os melhores contos brasileiros de ficção científica**. São Paulo: Devir, 2007, p. 25-48.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Trad. de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora Ltda, 2001.

BESSÍERE, Irene. El relato fantástico: forma mixta de caso y adivinanza. *In*: ROAS, David (org). **Teorias de lo fantástico**. Madrid: Arco/Libros S. L., 2001, p. 83-104.

CALIFE, Jorge Luiz. A Morte do Cometa. *In*: CAUSO, Roberto de Sousa (ed.). **Os melhores contos brasileiros de ficção científica**. São Paulo: Devir, 2007, p. 157-166.

CAUSO, Roberto de Sousa (ed.). **Os melhores contos brasileiros de ficção científica**. São Paulo: Devir, 2007.

CAUSO, Roberto de Sousa A Mulher Mais Bela do Mundo. *In*: CAUSO, Roberto de Sousa (ed.). **Os melhores contos brasileiros de ficção científica**. São Paulo: Devir, 2007, p. 167-180.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). Coordenação de Carlos Sussekind; trad. de Vera da Costa e Silva [et al.]. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: UFF- Universidade Federal Fluminense, 1986.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente 1300-1800**: uma cidade sitiada. Trad. de Maria Lucia Machado; trad. de notas Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DEL PRIORE, Mary. **Uma breve história do Brasil**. DEL PRIORE, Mary; VENÂNCIO, Renato (org.). São Paulo: Planeta do Brasil, 2010.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. Trad. de Pola Civelli. São Paulo: Editora Perspectiva S. A., 1972.

ESTRADA, Joaquim Osório Duque. **Hino nacional brasileiro**. Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/hino.htm. Acesso em: 28/06/2024



FIDELI, Finisia. Exercícios de Silêncio. In: CAUSO, Roberto de Sousa (ed.). **Os melhores contos brasileiros de ficção científica**. São Paulo: Devir, 2007, p. 131-156.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GINWAY, M. Elizabeth. **Ficção científica brasileira**: mitos culturais e nacionalidade no país do futuro. Trad. de Roberto de Sousa Causo. São Paulo: Devir, 2005.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 15. ed. Trad. de Adail Ubirajara e Maria Stela. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

OLIVEIRA, Fátima Régis de. Como a Ficção Científica conquistou a atualidade. **Intercom, Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, p. 103-122, 2001.

Disponível em:

<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/viewFile/385/1162>. Data de acesso: 03/07/2024.

SILVA, Alexander Meireles da. **O admirável mundo novo da República Velha**: o nascimento da ficção científica brasileira no começo do século XX. 2008. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) Faculdade de Letras – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2008. 193 p.

SILVA, Domingos Carvalho da. Água de Nagasáki. In: CAUSO, Roberto de Sousa (ed.). **Os melhores contos brasileiros de ficção científica**. São Paulo: Devir, 2007, p. 65-74.

SODRÉ, Muniz. **A Ficção do tempo**: análise da narrativa de *science fiction*. Petrópolis: Vozes, 1973.

NOTAS DE AUTORIA

Rafael Peres (rafperes86@gmail.com) é graduado em Letras pelo Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM), e Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), com Pós-graduação em Antropologia pela Faculdade Iguaçu. Atualmente, leciona Língua Portuguesa e Literatura na Escola Estadual Deiró Eunápio Borges, em Patos de Minas.

Agradecimentos

Não se aplica.

Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

PERES, Rafael Geraldo Vianney. O brado por um novo mundo: redescobrimo o Brasil nos contos de ficção científica. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 31, p. 01-16, 2026.

Contribuição de autoria

Não se aplica.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.



Conflito de interesses

Não se aplica.

Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista Anuário de Literatura os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](#). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

Histórico:

Recebido em: 14/11/2024

Revisões requeridas em: 22/02/2026

Aprovado em: 18/08/2026

Publicado em: 04/09/2026

